

**UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO
RIO GRANDE DO SUL**

DHE – DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO

CURSO DE PSICOLOGIA

**PULSÃO ESCÓPICA: A RELAÇÃO ENTRE O OLHAR E A FANTASIA
NA PSICANÁLISE**

PÂMELA CADOR FORTES

Ijuí – RS

2014

PÂMELA CADOR FORTES

**PULSÃO ESCÓPICA: A RELAÇÃO ENTRE O OLHAR E A FANTASIA
NA PSICANÁLISE**

Trabalho de pesquisa supervisionado apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de graduação em Psicologia na UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Normandia Cristian Giles Castilho

Ijuí – RS

2014

Agradeço a todos que estiveram comigo: do início ao fim.

“O olhar está para além das palavras, e fora do tempo.

Quando acende um instante, sua presença se eterniza e o tempo não apaga.”

- Antonio Quinet, Um olhar a mais.

RESUMO

O presente trabalho tem seu enfoque em torno da questão referente à relação entre a pulsão escópica e a fantasia, a fim de debater de que forma o olhar do neurótico é capturado pelo olhar. Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica e fim de estruturá-lo de modo a dar conta dos conceitos envolvidos, que permeiam a questão. Logo, o trabalho é dividido em dois capítulos. O primeiro é referente a pulsão escópica e trabalha suas especificidades e relação com desejo e gozo. Já o segundo visa o complexo de Édipo e a castração, o Narcisismo e Estádio do Espelho e, finalmente, a Fantasia e sua relação com o olhar na vida psíquica da estrutura neurótica.

Palavras-chaves: Pulsão escópica. Olhar. Psicanálise. Fantasia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A PULSÃO	8
2 O OLHAR NA FANTASIA	17
2.1 Do Complexo de Édipo à Castração.....	17
2.2 Estádio do Espelho: para além de si mesmo	21
2.3 (H) à Fantasia	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa abordar a temática da pulsão escópica, cujo enfoque será dado em torno da relação do olhar e da fantasia, utilizando o referencial teórico da psicanálise. Essa questão surge a partir de um interesse pessoal acerca da temática das Artes Visuais, portanto, da observação de como os sujeitos neuróticos contemporâneos se colocam no mundo e sua constante necessidade de amparo visual. Ou seja, a questão se coloca direcionada ao campo visual e aquilo que é capaz de capturar e fascinar o olhar neurótico dentro de um enfoque que não chega a ser necessariamente clínico, apensar de possuir este ponto de vista, mas sim direcionado às artes. Para tanto, decidiu-se começar aqui com o que pretende-se ser uma pesquisa que se estenderá para além do proposto neste momento, pois é notável o fato de que o tema é muito mais amplo e que o olhar por si só é um conceito extremamente importante para a vida psíquica, sendo o cerne de inúmeras manifestações clínicas.

Com base em revisão de literatura na área, serão elencados autores importantes como Freud, Lacan, Nasio, Quinet, entre outros. Em vista de abordar a questão foco do trabalho é realizado um longo caminho, onde serão abordados de modo sistemático e básico, conceitos que darão base àquilo que é nosso objetivo. Deste modo, o primeiro capítulo irá tratar da pulsão em si, como suas características, destinos e principalmente sua organização que passa pelo autoerotismo, sendo deste modo, direcionada à pulsão escópica e sua relação com o gozo e desejo.

O segundo capítulo será dividido em três partes principais. A primeira delas é referente ao Complexo de Édipo e o Complexo de Castração como base daquilo que constitui o olhar enquanto objeto e a angústia que o permeia. A segunda parte

trabalha o Narcisismo e o Estádio do Espelho a fim de buscar dar conta daquilo que constitui a imagem do eu e a posterior possibilidade de vislumbrar o mundo com os olhos do inconsciente. O real, simbólico e imaginário se colocam ao redor do movimento que há entre o eu ideal e ideal do eu a fim de conferir caráter de equívoco para a realidade, abordando assim, os três tempos do olhar: olhar-se, olhar e ser olhado.

A terceira e última parte diz respeito à questão proposta. Deste modo é na fantasia que vamos encontrar aquilo que é capaz de capturar o olhar do neurótico. Compreenderemos sua função na vida psíquica bem como o modo como surge, relacionando, conforme fomos evoluindo, à relação intrínseca que existe entre o olhar e a fantasia.

1 A PULSÃO

Ao olhar do inconsciente,

“So I want you to close your eyes
Seem to the world tonight.”

- Close Your Eyes, Megan Trainor.

O presente capítulo tem como objetivo trabalhar a pulsão tal e qual seus aspectos de caracterização, bem como seus destinos para mais tarde situarmos a pulsão escópica como um dos possíveis caminhos orientadores desta força psíquica. Não obstante, o olhar é tomado como núcleo de diversos elementos inerentes à constituição psíquica como na construção da imagem e sua intrínseca relação com o desejo e fantasia bem como com a lembrança encobridora, a cegueira histórica, os atos perversos, o *deja vú* e as alucinações visuais. Sendo assim, devido a amplitude do tema o enfoque será dado de modo mais específico em torno da importância da pulsão escópica em relação à fantasia. Serão trabalhados os conceitos necessários para discutir o tema em questão.

A Psicanálise tem, em meio a história de sua construção, vários momentos extremamente significativos. Dentre eles é notável aquele que diz respeito ao início do uso do divã, na escuta de Freud. Muito se questionou a respeito disto, pois o fato de que ele tenha tido necessidade de retirar a visão da cena em um espaço onde a fala era privilegiada é uma prática revolucionária. É justamente por este motivo que o olhar não é excluído do setting analítico, mas passa a ganhar um novo lugar. Não ignorando o fato de que a pulsão em si necessita de um apoio somático, é preciso ir além daquilo que os olhos podem ver, aumentando seu próprio alcance e passando a considerá-la enquanto pulsão escópica. Assim, o olhar se desprende do órgão e passa a ser vislumbrado através de uma nova possibilidade: dos olhos do inconsciente.

Levando estes pontos em consideração, no contexto da análise, uma primeira ressalva é necessária ao tratarmos deste assunto, à medida que a visão em

nada se assemelha ao olhar. Essa afirmação, passível de causar estranheza, nos é apresentada por Nasio (1995), quando este diz que “ver não é olhar, mas eu diria ainda: é preciso que a visão seja excluída do espaço da sessão analítica para que o olhar tenha maior potência, para que o olhar seja um olhar forte e poderoso” (p15). Ou seja, este novo lugar dado ao olhar tem suma importância no desdobramento da vida psíquica.

Enquanto pulsão, o olhar ganha destaque em diversos momentos na história da psicanálise, chegando a ser crucial. É através dele que o sujeito vai se constituir, à medida em que depende do olhar do Outro para que sua imagem seja construída, e a partir disto o mundo possa ser realmente visto pelo sujeito.

Dentro da Psicanálise, a pulsão escópica ganha destaque já em 1905, onde no texto “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” Freud fala de um mundo interno totalmente novo e com representações próprias onde trabalha a possibilidade do prazer no olhar. Neste texto ainda têm-se fragmentos daquilo que o autor toma como sendo o conceito de pulsão. Deste modo, para Freud (1905)

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-lo do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica.(p. 159)

Ou seja, a pulsão vai ser aquilo que está entre o físico e a vida psíquica do sujeito. Partindo do órgão visa cumprir com uma tarefa que se complexifica à medida em que não capta apenas aquilo que está ao redor, mas sim propriedades novas atribuídas pelo sujeito ao objeto, propriedades estas completamente singulares e que surgem a partir do modo com que o primeiro tem condições de perceber o segundo. Isto fica explicitado em “A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão” em que Freud (1910) aponta a pulsão parcial do olhar onde “[...] os olhos percebem não só alterações no mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor – seus encantos.”(p.227)

Na tentativa de compreensão da pulsão no texto *O Instinto e suas Vicissitudes* (1915)¹, Freud discrimina o conceito através de suas características e destinos. Assim, para se falar de Pulsão é necessário que se retome estes elementos. Enquanto características da pulsão temos a pressão [Drang], a finalidade [Ziel], o objeto [Objekt] e a fonte [Quelle].

A pressão é inerente a toda e qualquer pulsão, ultrapassa o sentido de a energia mobilizadora sendo fundamentalmente sua essência. Já sua finalidade é sempre a satisfação, que neste primeiro momento de sua obra referente à tentativa de dar conta deste conceito nada mais significa do que uma busca incessante por produção de prazer e/ou conseqüentemente uma fuga daquilo que seria tomado como desprazer, o que poderia ser viabilizado por diversos caminhos. Nesta perspectiva outra característica aparece: o objeto. Este objeto é aquilo cujo qual a pulsão se utiliza para que se chegue a finalidade primeva, ficando isto a seu encargo tem a incumbência de ser o elemento mais variável dentro da pulsão, o que compreende uma infinita gama de possibilidades de acordo com o destino que lhe é deferido. Por último, mas não menos importante destaca-se a fonte como sendo relativa ao que Freud chama de um “processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto².” (p. 128). Ou seja, por mais que toda pulsão encontre amparo somático, na vida psíquica a conheceremos apenas devido a suas finalidades.

Considerando estes aspectos, Freud (1915) destaca dois tipos de pulsões primordiais: as pulsões do ego (autopreservativas) e as pulsões sexuais. Esta última modalidade teria a possibilidade de encontrar quatro destinos, sendo eles reversão ao seu oposto, retorno em direção ao eu (self) do indivíduo, repressão e por fim, sublimação, sendo que todas elas podem ser consideradas como defesas contra a pulsão. Assim sendo, trabalharemos apenas aqueles pontos que nos interessam no momento.

A reversão ao seu oposto possui dois processos distintos, seja uma alteração da atividade para a passividade ou uma reversão em conteúdo e é possível observar que a reversão altera sobretudo a finalidade da pulsão. Segundo Freud (1915) o primeiro exemplo se dá em dois pares que são opostos:

¹ Costuma-se ler o referido texto como *A pulsão e seus Destinos*, devido a um possível erro de tradução responsável por alterar o sentido do conceito estudado, se houvesse outra terminologia.

sadismo/masochismo e escopofilia/exibicionismo. Deste modo, aquela pulsão cuja finalidade é essencialmente ativa (sadismo e escopofilia) se transforma passiva (masochismo e exibicionismo). A reversão do conteúdo, por sua vez se encontra voltada na transformação de amor em ódio, como um exemplo isolado.

No que toca ao retorno direcionado ao eu (self) do indivíduo, Freud (1915) nos diz que “ o masochismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio ego do indivíduo, e de que o exibicionismo abrange o olhar sobre o próprio corpo” (p.132). A partir deste exemplo, é possível compreender o fato de acontecer uma mudança de objeto, ao passo que a finalidade continua com seu caminho inalterado.

Neste ponto, fica evidente que a escopofilia/exibicionismo (relativos ao olhar) têm destaque. Assim, Freud discrimina as fases do destino antes trabalhado, desta pulsão. Segundo o autor as fases são:

(a) O olhar como uma atividade dirigida para um objeto estranho. (b) O desistir do objeto e dirigir o instinto escopofílico para uma parte do próprio corpo do sujeito; com isso, transformação no sentido de passividade e o estabelecimento de uma nova finalidade – a de ser olhado. (c) Introdução de um novo sujeito diante do qual a pessoa se exhibe a fim de ser olhada por ele. (p. 135)

Algo que é interessante observar é o fato de esta pulsão, em específico, cumpre com um ciclo que de certo modo acompanha o próprio desenrolar da constituição do sujeito psíquico, e que no início de sua atividade há uma fase preliminar àquelas acima descritas. Nesta fase, a pulsão escópica é auto-erótica. Para Freud (1905) a atividade auto-erótica nada mais é que o conceito utilizado para delinear a fase da constituição infantil onde a pulsão ainda não tem condições de ser direcionada a algo externo à criança.

Levando em consideração que a criança ainda não teria ferramentas para elencar um objeto externo a si à finalidade de satisfação pulsional, a pulsão a encontra naquilo que lhe pertence no momento, naquilo que já foi apreendido em termos de constituição: seu próprio corpo. Este corpo é manipulado, erotizado e desenhado com bordas pela mãe. Ela aparece enquanto função não só de apresentar à criança a vida pulsional como também é responsável por organizá-la. O

² Mais uma vez tona-se necessária a substituição do termo Instinto para Pulsão.

corpo que deixa de ser apenas um “pedaço de carne” acaba por criar zonas erógenas (como por exemplo a boca) que se tornam o alvo sexual.

Deste modo, a pulsão está sob o narcisismo primário posto por Freud (1914) como sendo aquela marcada pelo fato de o bebê ser aquele quem recebe toda a atenção da casa e é encoberto por todas as qualidades que seu próprio narcisismo parental a muito abandonou. Ou seja, recebendo todo este investimento em si, a pulsão do sujeito em constituição está direcionada a um objeto que se encontra localizado no próprio corpo e assim, pode ser considerada como formação narcísica. Só em um tempo posterior é que esta pulsão será para uma parte análoga no corpo de outro indivíduo. Isto pode acontecer em dois caminhos, onde a pulsão ativa irá fazer essa substituição e deixar o narcisismo para trás, ou então poderá ser passivo e se fixar ao período preliminar narcisista. Esse processo não é diferente quando se trata da pulsão escópica, tendo em vista que, segundo Freud (1915)

Segue-se que a fase preliminar do instinto escopofílico, na qual o próprio corpo do sujeito é o objeto da escopofilia, deve ser classificada sob o narcisismo, e que devemos descrevê-la como uma formação narcisista. O instinto escopofílico ativo desenvolve-se a partir daí, deixando o narcisismo para trás. O instinto escopofílico passivo, pelo contrário, aferra-se a objeto narcisista. (p.137)

Deste modo, Freud (1915) nos apresenta um quadro diagramático daquilo que seria a pulsão escópica:

<p>(α) Alguém olhando para um órgão sexual</p>	=	<p>Um órgão sexual sendo olhado por alguém</p>
<p>(β) Alguém olhando para um objeto estranho (escopofilia ativa)</p>		<p>(γ) Um objeto que é alguém ou parte de alguém sendo olhado por uma pessoa estranha (exibicionismo)</p>

A pulsão escópica, de acordo com o autor permite apenas uma afirmação correta: a de que todas as suas fases coexistem e estão lado a lado, e isso fica explicitado quando se pensa o mecanismo de satisfação em questão sobretudo naquilo em que chamamos de ambivalência. Por mais que via de regra o objeto que serve de fonte à pulsão coincida com o órgão, vale salientar que com relação a esta pulsão em específico, apesar de que o “objeto do instinto escopofílico, contudo, embora também a princípio seja parte do próprio corpo do sujeito, não é o olho em si.” (FREUD, Sigmund. 1915, p. 137)

Dentro desta perspectiva, torna-se necessário especificar de eu modo a pulsão se dá a ver, ou seja, de que forma ela se representa no discurso do sujeito na clínica, levando em consideração todo o movimento que precisa haver para que algo seja dito em análise – da implicação à passagem do inconsciente para o consciente, onde a ideia é seu representante. Em *O Inconsciente* (1915) Freud diz que

De fato, sou de opinião que a antítese entre consciente e inconsciente não se aplica aos instintos. Um instinto nunca pode se tornar um objeto da consciência – só a ideia que o representa pode. Além disso, mesmo no inconsciente, um instinto não pode ser representado de outra forma a não ser por uma ideia. Se o instinto não se prendeu a uma ideia ou não se manifestou como um estado afetivo, nada poderemos conhecer sobre ele. (p.182)

Para dar conta do conceito de pulsão de Freud, Lacan cunha outros dois conceitos essenciais que são o desejo e o gozo. Para articular estes conceitos à pulsão, é preciso retomar a questão da organização do circuito pulsional infantil a partir da função materna, sobretudo naquilo que concerne a origem do desejo. Quando se fala em desejo, é inevitável se falar da falta, tendo em vista que é ela quem funda o desejo.

Quando o bebê entra em contato com o mundo pela primeira vez, ela se encontra fragilizada e sem condições de enfrentá-lo, pois não tem maturidade suficiente para tanto. O mundo externo apresenta ameaças e o novo ser que chegou a pouco no mundo irá precisar de um outro ser humano para sobreviver. Não tendo adentrado ainda o campo da fala, a criança vai emitir sons como choros e gritos, o que vai constituir um importante modo de comunicação, como função secundária, uma vez que ganhará status de demanda, quando ouvido pelo Outro³ (não semelhante e portanto estranho ao mesmo tempo que próximo).

Logo, a primeira experiência de satisfação estará ligada aquilo que é da ordem da necessidade, do biológico. A fome aparece deixando a criança desconfortável. Por sua vez, para responder ao choro, a mãe lhe apresenta o seio que irá aplacar a fome, satisfazendo esta necessidade para que a criança sobreviva. Com este movimento, a criança se acalma devido a redução da própria pulsão. Este momento deixa um traço mnésico na vida psíquica e quando ela novamente entrar

³ Inscreve a criança nos referentes simbólicos.

em contato com este momento, o traço mnêmico⁴ irá ser reativado. Para Joel Dor (1989)

Esta experiência primeira de satisfação, como tal, irá encontrar-se doravante diretamente ligada à imagem/percepção do objeto que proporcionou esta satisfação. É este traço mnésico que constitui a representação do processo pulsional para a criança. (p. 140)

E para além disto, o autor (1989) nos diz do momento em que isto faz relação com o Outro

Este momento de repouso é justamente porque este sentido está embasado no desejo que de a mãe investiu na criança que o repouso orgânico toma novamente para a mãe o valor de uma mensagem que a criança endereçaria como um “testemunho de reconhecimento”. Em outras palavras, a criança está irredutivelmente inscrita no universo do desejo do Outro, na medida e que é cativa dos significantes do Outro. (p.145)

Temos aí, o Outro como sendo aquele que inscreve a criança nos referentes simbólicos. Eleva-se a mãe nesta posição, uma vez que ela, revestida por seus próprios significantes responde àquilo que ela mesma interpreta como sendo uma suposta demanda vinda da criança, dando sentido às manifestações corporais. Segundo Dor (1989) “não se pode deixar de tomar essa demanda como projeção do desejo do Outro”(p.144) Para Lacan (1962-1963)

O desejo é ilusório, por quê? Porque sempre se dirige a um outro lugar, a um resto, um resto constituído pela relação do sujeito com o Outro que vem substituí-lo. Mas isso deixa em aberto a questão de saber onde pode encontrar-se a certeza. Nenhum falo permanente, nenhum falo onipotente é próprio por natureza para fechar, seja pelo que for de apaziguador, a dialética da relação do sujeito com o Outro e com o real. (p.262)

Deste modo, podemos considerar que a demanda nada mais é que a expressão do desejo e ela sempre será direcional, ou melhor, endereçada a outrem. O que virá a seguir é o desejo de reencontro com a satisfação primeira, onde o bebê teve sua pulsão completamente satisfeita em uma forma de gozar. Para Dor (1989)

[...] o caráter único deste gozo procede de uma imediatidade na experiência primeira de satisfação onde, precisamente, ele não é mediado por uma demanda. Assim, a partir da segunda experiência de satisfação, a mediação da demanda confronta a criança à ordem da perda. Alguma coisa, com efeito, se perdeu na diferença que se instaura entre o que é dado imediatamente à criança, sem mediação psíquica, e o que lhe é dado imediatamente como devendo ser demandado. (p. 146)

⁴ A experiência de satisfação produz a inscrição – traço mnêmico – que é a imagem sensorial do objeto responsável por causar a satisfação.

Ou seja, fica evidente que no primeiro contato com a satisfação nada é demandado, não se tem registro psíquico daquilo que seria o desconforto e muito menos o registro de uma possibilidade de satisfação. É apenas a partir deste momento fundante é que vai se constituir a falta do objeto quando se nota que ele não está presente constantemente. É essa falta que vai movimentar o desejo, pois ambos mantêm uma relação intrínseca onde um só existe em razão da existência do outro.

O desejo renasce inevitavelmente idêntico a si próprio, sustentado pela falta deixada pela Coisa, de tal forma que este vazio constitui-se tanto como o que causa o desejo, como aquilo que o desejo visa. Além do fato de que esse vazio circunscreve um lugar a ser ocupado por qualquer objeto, tais objetos irão sempre constituir-se como objetos substitutivos do objeto faltante. (DOR, Joel, 1989, p.146)

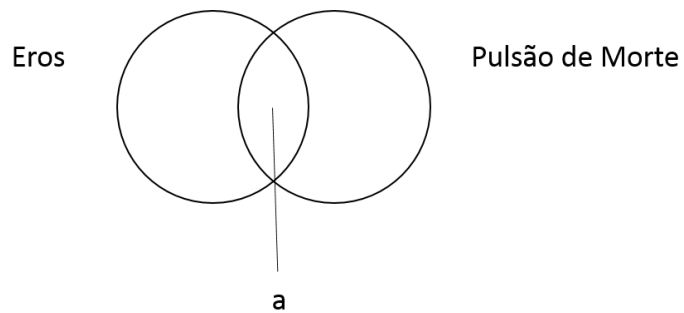
A perda é impossível de ser preenchida, e é isto que vai movimentar o circuito, onde o sujeito desejante enfrenta uma empreitada na tentativa de tamponar esta falta a todo instante, em busca da repetição da primeira experiência de gozo que obteve. É notório na obra de Freud, em *Além do Princípio do Prazer* (1920), onde ele nos traz a possibilidade de que a satisfação não precisa ser necessariamente ligada a sensações prazerosas, mas sim podem ir destas até as sensações dolorosas, a repulsa ou o horror. Deste modo, Lacan (apud QUINET, 1951) encontra na pulsão de morte⁵ uma nova dimensão de gozo e este será seu ponto de partida para defini-lo. Para Quinet (1951), “o termo gozo, proposto por Lacan, engloba a satisfação pulsional com seu paradoxo de prazer e desprazer” (p.84). Neste ponto fica claro que

A pulsão de morte se contrapõe à aspiração da pulsão sexual de encontrar o objeto eu poderia unificar o sujeito dividido, desejante, sujeito da falta em sua busca de complementaridade, através das pulsões que buscam englobar o sujeito de satisfação. (QUINET, 1951, p.85)

Esta relação entre ambos pode ser representada no seguinte gráfico onde, para Quinet (1951) pode-se “situar o objeto da pulsão na interseção de Eros com a pulsão de morte, na medida em que é um objeto visado pela pulsão sexual que

⁵ Desejo de morte, à medida em que busca um encontro de satisfação plena com o objeto amado. Morte psíquica, nesta perspectiva, levando em consideração que quem morreria neste caso seria o sujeito do desejo.

representa, no entanto, o irrepresentável do sexual na pulsão, da pulsão de morte” (p.85). Isto pode ser representado como na figura à seguir:



Assim, neste primeiro momento foram trabalhadas as especificidades da pulsão enquanto aquilo que rege a sexualidade infantil desde Freud, e a relação de gozo presente na pulsão, direcionando para aquilo que é o foco principal: a pulsão escópica. A partir destas considerações segue-se a discussão a fim de situarmos o Olhar na constituição da imagem e da fantasia.

2 O OLHAR NA FANTASIA

À Fantasia,

“Ponho os meus olhos em você
Se você está
Dona dos meus olhos é você.”

- Luz dos Olhos, Nando Reis.

Na psicanálise, pois mais que didaticamente tomemos os conceitos de modo separado a fim de dar conta de toda sua amplitude, sabemos que eles possuem relação intrínseca uns com os outros. Muitas vezes um é decorrente do outro, ou mesmo descrevem processos da vida psíquica coexistindo lado a lado. Isto não é diferente quando falamos do Complexo de Édipo, do estágio do Espelho, da Castração e da Angústia, conceitos estes que serão abordados neste segundo capítulo a fim de situarmos o Olhar na constituição da imagem e da fantasia.

2.1 DO COMPLEXO DE ÉDIPO À CASTRAÇÃO

Segundo Lacan (1956-1957), o complexo de Édipo é uma função simbólica que se dá pela linguagem, onde o pai – enquanto função - aparece na forma de lei para privar a criança de uma fusão com quem exerce a função materna. Para tanto, o Édipo acontece em três tempos.

No primeiro momento do Édipo, toda a atenção da mãe está voltada para a criança uma vez que o corpo fragilizado pela imaturidade biológica precisa de amparo constante, que impedem que seu olhar seja direcionado em outra direção que não a do bebê. A criança, por sua vez, colocada em um lugar discursivo ao qual se identifica, pensa ser o que chamamos de falo⁶ e está assujeitada perante o desejo materno, ou seja, está à mercê daquilo que outrem demanda dela. Aqui já se faz presente o pai simbólico, aquele que nos nomeia e nos coloca na subjetividade, e é inventado e sustentado pelo discurso materno.

⁶ Objeto que direciona o desejo materno e é capaz de satisfazê-lo. Media a relação entre a mãe e o bebê.

O pai simbólico é o elemento mediador essencial do mundo simbólico e de sua estruturação, sendo necessária a sua atuação para que ocorra o fenômeno do desmame e a criança saia de seu puro e simples acoplamento com a onipotência materna. (Lacan, 1956-57)(SALES, p. 140)

Esse afastamento do desejo materno é extremamente importante, uma vez que é este movimento que irá permitir a constituição dos elementos subjetivos do sujeito. Isso acontece gradualmente, logo, à medida em que mãe se ausenta, a criança começa a se interrogar sobre o que ela procura longe dela, e mais, se realmente é o falo da mãe. Assim, o pai imaginário aparece como sendo aquele criado pela criança e sustentado pela mãe, o qual ela supõe ser detentor do falo. A criança vive a presença desse pai como forma de intromissão e frustração, enquanto a mãe, privação. Essas três esferas de atuação constituem a função de pai castrador e Lacan (1962 – 1963) destaca também a importância do papel do Outro neste processo quando diz que

Se há uma coisa que foi promovida pela forma — sem dúvida ainda imperfeita, mas carregada de todo o destaque de uma conquista penosa, feita passo a passo desde a origem — da descoberta freudiana que a revelou na estrutura, é justamente a castração, ou seja, a descoberta de que a relação com o objeto na relação fálica contém implicitamente a privação do órgão. Nesse nível, o Outro está evidentemente implicado. Se não houvesse Outro — e pouco importa que aqui o chamemos de mãe castradora ou de pai da interdição original —, não haveria castração. (p.260)

Ou seja, para que seja possível que o pai cumpra sua função no Édipo, é necessário que o desejo da mãe esteja fora do filho, então o pai pode intervir como privador da mãe, já que, segundo Lacan, “com sua presença privadora, ele é aquele que sustenta a lei, e isto se faz não mais de uma forma velada, mas de uma forma mediada pela mãe, que é a que o coloca como aquele que dita a lei”(1989, p.86).

Segundo Joel Dor, o segundo tempo do Édipo é imprescindível para que seja possível que a criança simbolize a lei. A mediação exercida pelo pai em sua relação com a mãe faz com que a criança o reconheça como sendo aquele que dita a lei e que detém o falo. Maria Rita Kehl (2009) reafirma isto e nos fala ainda que a posição neurótica “há de se definir no segundo tempo do complexo de Édipo, quando a criança costuma reagir à intrusão do pai com uma série de empreitadas, tanto apaixonadas, quanto rivalizadoras” (p. 251).

Diante disto a criança passa a procurar se identificar com a suposta potência paterna e, ao mesmo tempo, rivalizar com ela, entrando assim, na dimensão conflitiva inerente a este processo, e que marca a vida psíquica neurótica.

O terceiro tempo é marcado pelo declínio do complexo edípico. O pai deixa de ser o rival, na medida em que abre a possibilidade de se ter o falo, já que não se pode tê-lo. A criança almeja ser como aquele que possui o objeto fálico, desse modo, encontra uma forma de voltar a ter um lugar no desejo da mãe, se identificando com o pai real e potente, instaurando o que chamamos de Ideal do eu. Sendo assim, o declínio do Édipo é necessário para que se inicie o período de latência, e mais tarde, na puberdade, se dar sua resolução e ser feita a escolha objetual. O período de latência será marcado pelo pudor, o exibicionismo presente na infância toma um outro lugar. Como nos diz Quinet (1951)

No complexo de castração, o que fora jogo masturbatório com a solicitação do olhar do Outro em uma atitude francamente exibicionista torna-se agora uma atitude de defesa contra o olhar do Outro, pois este traz consigo a significação da castração. A atitude exibicionista da infância cederá seu lugar ao pudor da latência. (p.98)

Deste modo, o tempo do Complexo de Édipo que nos toca é o segundo momento. Aquele que diz justamente do instante onde há a presença de um terceiro na relação entre mãe e filho pontuando assim, a castração.

Em “A organização genital infantil” e “A dissolução do complexo de Édipo” Freud (1920) vai nos explicar qual é a relação entre o complexo de Édipo e a Castração na medida em que situa de que forma é percebida esse último processo pela criança e a organização sexual infantil, onde aparece a primazia do falo.

A castração se dá em duas etapas. A primeira é relativa a etapa auditiva e a segunda é visual. Em um primeiro momento a criança passa a receber advertências à medida com que vai crescendo e os pais buscam educa-la. Certas coisas vão ser permitidas de serem feitas, enquanto outras serão proibidas. “Os adultos fazem ameaças de castração como punição para impedir a continuação do jogo da masturbação” (QUINET, 1951, p.92).

O interessante é que a “criança não acredita nessa ameaça e nem se importa, até o momento em que vê a ausência do pênis nas mulheres, na mãe particularmente” (QUINET, 1951, p.92). Neste ponto é possível vislumbrar o papel fundamental da visão, uma vez que é através dela que se dá a diferenciação

anatômica entre os sexos. Tanto o menino quanto a menina, irão se dar conta da diferença entre eles uma vez que observem acidentalmente os órgãos genitais do outro sexo. A partir daí, as advertências serão compreendidas enquanto ameaças já que através da observação percebem que algo falta para algumas pessoas: o pênis. É importante salientar que não é o pênis-órgão que é ameaçado, mas sim um membro investido de uma grande carga imaginária: o falo imaginário. Diante disto, o menino e a menina passarão por processos um tanto distintos entre si. Para Quinet (1951)

Essa visão provoca, primeiro, a negação da falta do pênis e, em seguida, a conclusão de que estivera lá sim, mas que foi arrancado. Ele atribui a falta ao resultado de uma castração, o que o remete à possibilidade de uma castração de sua própria pessoa (temos narcísico). Para a menina, a visão do pênis de seu amiguinho faz com que repare sua falta em seu próprio corpo (ferida narcísica). Doravante, o falo imaginário, objeto ameaçado de perda para um e objeto de inveja para outro, é inscrito na subjetividade, para ambos os sexos como faltante (-ψ). (p.91)

Deste modo, é possível perceber que o complexo de castração constitui-se como sendo aquele referente a entrada do complexo de Édipo para a menina e a saída para o menino. A construção do objeto a tem relação intrínseca com a crise subjetivante da castração. Quinet (1951), quando cita Lacan nos lembra disto quando salienta, neste fragmento que

O prazer da satisfação escópica, própria a este campo, deve-se ao fato de que como diz Lacan, “a queda do sujeito fica sempre despercebida, pois ela se reduz a zero. Na medida em que o olhar, enquanto objeto a, pode vir a simbolizar a falta central expressa no fenômeno de castração, e que ele é objeto a reduzido, por natureza, a uma função punctiforme, evanescente – ele deixa o sujeito na ignorância do que há para além da aparência. (p.86)

Assim, “o Olhar, enquanto a, pode se fazer presente para o sujeito trazendo-lhe seja Lust⁷, seja Genuss⁸, conforme o gozo tenha conotação de prazer ou dor” (QUINET, 1951, p.86). Segundo Lacan (1962) “o objeto definido em sua função por seu lugar como a, o objeto que funciona como resto da dialética do sujeito com o Outro” (p. 252). Quinet ainda traz que

Em suas duas valências, o olhar traz o prazer quando escamoteia a castração – preenchendo a falta-a-ser do sujeito, como falta fálica: (a/- -φ).

⁷ Lust: prazer em alemão.

⁸ Genuss: prazer em alemão, mas mais relacionado ao aspecto do gozo.

E traz desprazer quando não cumpre a função de tampar o furo da falta, havendo então separação entre a falta e o objeto ($a > < -\phi$). O que retorna para o sujeito é sua própria castração e a angústia decorrente. ($\$ = -\phi$). O termo mais-de-olhar conota as duas valências. (1989, p.87)

Quinet (1951) traz que “[...]o neurótico supõe um Outro como suporte do olhar para causar seu desejo ou sua angústia” (p.88). Lacan (1962) salienta o papel a angústia nesta perspectiva quando fala que

A distância, a não-coincidência dessa falta com a função do desejo em ato, estruturado pela fantasia e pela vacilação do sujeito em sua relação com o objeto parcial, é isso que cria a angústia, e a angústia é a única a almejar a verdade dessa falta. (p.253)

Logo, a angústia é sempre angústia da castração. Uma reação ao horror causado pela visão do sexo da mulher. Segundo Lacan (1956-1957)

Em suma, a angústia é correlativa do momento em que o sujeito está suspenso entre um tempo em que não sabe mais onde está, em direção a um tempo onde ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar. É isso aí, a angústia. (p. 231)

Essa angústia aparece quando se entra em questão a perda de um membro ou um pedaço de seu próprio corpo. “O sujeito não é mais o falo, está na dialética de tê-lo ou não tê-lo como suporte para a imagem do corpo” (QUINET,1951, p.111). Este movimento só é viabilizado pelo fato de haver a ideia de uma unidade corporal apreendida. Ou seja, é no Estádio do Espelho que encontramos a função estruturante que concede origem à imagem corporal.

2.2 ESTÁDIO DO ESPELHO – PARA ALÉM DE SI MESMO

Para que seja possível a um sujeito que ele consiga vislumbrar o mundo, é necessário que primeiro ele se dê por conta de si mesmo, de sua existência, das partes de seu corpo e de sua própria totalidade. É isto que permite o movimento de “olhar-se”, “olhar” e “ser olhado”, descrito por Freud quando fala da pulsão escópica e seus três tempos. Esse momento nada mais é que o Estádio do Espelho. Para

trabalharmos seus desdobramentos vamos retomar alguns pontos do narcisismo. Já que, segundo Quinet (1951)

No campo visual, o real e o imaginário se declinam respectivamente em escópico e especular: o olhar é a modalidade objetual do real da pulsão escópica e o espelho é a base do imaginário, mundo de Narciso. (p. 127)

Mas o que significa dizer 'mundo de Narciso'? Para a compreensão de tal expressão torna-se necessário recorrermos à mitologia grega, da qual Freud se mune em inúmeros momentos a fim de encontrar referências nos mitos àquilo que estava dando luz: à psicanálise.

Na mitologia, Narciso é um jovem rapaz possuidor de uma beleza tão estonteante que foi capaz de arrancar suspiros de várias ninfas e donzelas, mas todas são rejeitadas por ele. Certa vez, uma das donzelas deseja que algum dia ele conheça o que é ter um amor não correspondido. Seu desejo foi atendido pela deusa da vingança e eis que Narciso, ao se aproximar de uma fonte clara e límpida de água para aplacar sua sede se depara com seu próprio reflexo no espelho formado pela água e cai de amores.

Narciso entra em desespero, já que não consegue tocar seu amor porque a água ficara turbulenta e o rosto se esvaísse. Assim, limita-se a fitar o reflexo, perecendo no local. Para quem entra em contato com sua história, fica claro e bem se sabe que Narciso se apaixona pela própria imagem, mas não a reconhece o seu reflexo como sendo ele mesmo. Que conclusões são possíveis de se obter quando levamos em consideração este fato?

O mito dá uma forma épica a essa conjunção do amor e da morte, revelando a base narcisista do amor: amo a mim mesmo através do outro, amo o outro eu mesmo, visto que o outro contém esse *objeto* a que lhe confere brilho agalmático. (QUINET, 1951, p.127)

Se no primeiro capítulo falamos do autoerotismo a fim de dar conta das pulsões, aqui torna-se necessário dar lugar ao narcisismo para a compreensão do que vem a seguir.

As pulsões auto-eróticas, que existem desde o início, constituem o autoerotismo, cuja passagem ao narcisismo comporta a formação do eu através do eu ideal. Antes reinando em um corpo sem unidade, agora elas se dirigem a essa imagem ideal para dar ao corpo sua unidade imaginária. (QUINET, 1951, p.128)

Adentramos ai, naquilo que o Estádio do Espelho é responsável: por ser aquele que corresponde ao processo de apreensão da unidade corporal. É a partir desta fase que a criança poderá conquistar a imagem de seu próprio corpo concebendo a estruturação daquilo que virá a ser o “Eu”, ou seja, irá construir a noção de sua existência no mundo e de que seu corpo é independente daquele corpo materno que prestou os primeiros cuidados. “De fato, antes do estádio do espelho, a criança não experimenta inicialmente seu corpo como uma totalidade unificada, mas como alguma coisa dispersa” (DOR, 1989, p.79).

Quinet (1951) trabalha com a ideia de que o estádio do espelho tem duas fases, sendo que a primeira seria relativa a uma imagem despedaçada do corpo, enquanto a segunda diz da imagem já unificada.

Podemos distinguir dois momentos no estágio do espelho: o primeiro é aquele em que a imagem está despedaçada; o segundo tempo, o da imagem unificada. Nesse primeiro tempo, trata-se de uma antiimagem, pois não há, propriamente, constituição de uma imagem visível, de um campo visual em que todas as imagens tenham uma consistência própria e nas quais seria possível distinguir nitidamente os elementos de cada totalidade. (QUINET, 1951, p. 128)

Já Dor, na obra em que trabalha Lacan, evidencia a existência de três momentos fundamentais de uma apreensão de sua própria imagem corporal pela criança, onde traz elementos novos e interessantes já que

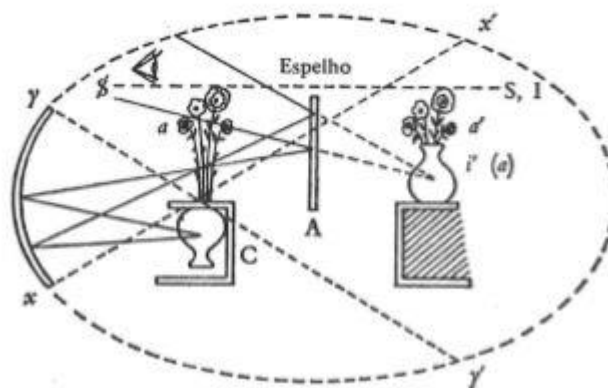
Inicialmente, tudo se passa como se a criança percebesse a imagem de seu corpo como a de um ser real de quem ela procura se aproximar ou apreender. Em outras palavras, este primeiro tempo da experiência testemunha e favor de uma *confusão primeira entre si e o outro*, confusão amplamente confirmada pela relação estereotipada que a criança tem com seus semelhantes, e que atesta, sem equívoco, que é sobretudo no outro que ela se vivencia e se orienta no início. (...) Se este primeiro momento da fase do espelho evidencia claramente o assujeitamento da criança ao registro do imaginário, o segundo momento constitui uma etapa decisiva no processo identificatório. Com efeito, a criança é sub-repticiamente levada a descobrir que o outro do espelho não é um outro real, mas uma imagem. (...) O terceiro momento dialetiza as duas etapas precedentes, não somente porque a criança está segura de que o reflexo do espelho é uma imagem, mas, sobretudo, porque adquire a convicção de que não é nada mais que uma imagem, e que é a dela. Re-conhecendo-se através desta imagem, a criança recupera assim a dispersão do corpo esfacelado numa totalidade unificada, que é a representação do corpo próprio. (DOR, 1989, p.79).

Neste ponto é importante destacar a importância do segundo momento, porque é justamente nele que o sujeito irá aprender a distinguir aquilo o que se configura em imagem do outro e o que seria de fato, a realidade do outro. Vai do olhar a si mesmo do autoerotismo, onde nem se reconhece que está se fazendo isso, chega ao olhar – tanto de si mesmo como do mundo – e desemboca em ser olhado.

O olhar no estádio do espelho, é justamente aquele olhar que vem a tomar o lugar do Outro. É uma troca de olhares, que quando se cruzam, fundem-se e se tornam apenas um. “O Outro é, na verdade, o espelho no qual a criança se vê e se admira, ajustando sua imagem enquanto eu ideal às reações de Outro que vem no lugar de ideal do eu” (QUINET, 1951, p. 130).

É preciso compreender que o eu ideal corresponde à época em que se está no estado narcísico de onipotência, presente no narcisismo primário e que significa que a criança está no lugar do falo. Ao passo que o ideal do eu se coloca como sendo aquele que diz respeito a um modelo que, por identificação, o sujeito busca seguir.

Mas de que forma a imagem que parte do Outro nos chega? Para tanto vamos usar um modelo simplificado daquilo que Lacan nos apresenta no “Seminário: Livro 1: os estudos técnicos de Freud”. Nesta imagem, se supõe que haja uma caixa oca de um lado, e que ela esteja em cima de um pé no dentro da semi-esfera. Em cima da caixa é colocado um vaso de flores, real. Na parte de baixo irá ser colocado um buquê de flores. O que é possível observar?



O buquê reflete-se sobre a superfície esférica, para vir ao ponto luminoso simétrico. Entendam que todos os raios fazem o mesmo, em virtude da

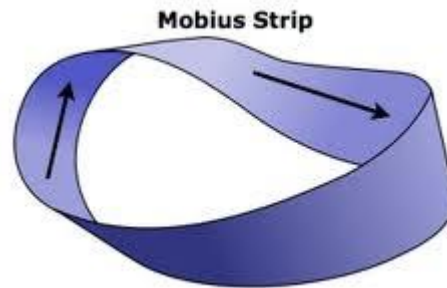
propriedade da superfície esférica - todos os raios emanados de um ponto dado vêm ao mesmo ponto simétrico. A partir de então, forma-se uma imagem real. Notem que os raios não se cruzam muito bem no meu esquema, mas isso é verdade também na realidade, e para todos os instrumentos de óptica - não se tem nunca senão uma aproximação. Para além do olho, os raios continuam o seu caminho, e redivergem. Mas, para o olho, são convergentes, e dão uma imagem real, porque a característica dos raios que batem num olho sob uma forma convergente e a de dar uma imagem real. Convergentes, vindo ao olho, eles divergem, afastando-se. Se os raios vêm bater no olho em sentido contrário, é uma imagem virtual que se forma. É o que se passa quando vocês olham uma imagem no espelho - vocês a vêem lá de onde não está. Aqui, ao contrário, vocês a vêem onde está - com a única condição de que o seu olho esteja no campo dos raios que já vieram se cruzar no ponto correspondente.

Nesse momento, enquanto vocês não vêem o buquê real, que está escondido, verão aparecer, se estiverem no bom campo, um buquê imaginário muito curioso, que se forma bem no gargalo do vaso. Como os seus olhos devem se deslocar linearmente no mesmo plano, vocês terão uma impressão de realidade, sem deixarem de sentir que alguma coisa é estranha, borrada, porque os raios não se cruzam muito bem. Quanto mais longe vocês estiverem, mais a paralaxe agirá, e mais a ilusão será completa. (LACAN, 1953-1954, p.95)

É através deste exemplo que fica claro o modo como a imagem nos atinge, por meio das instâncias do real, simbólico e imaginário nada nos chega como realmente é.

Na simetria produzida do reflexo do espelho há inversão em relação ao plano especular, fazendo do estádio do espelho um apólogo do desconhecimento: a imagem especular é diferente daquilo que ela representa na medida em que a direita vira esquerda e vice-versa. (QUINET, 1951, p. 129)

Essa inversão promovida pelo modo como a imagem é apreendida pelo sujeito destaca que a realidade objetiva presente no mundo ao nosso redor só é acessível pela instância do imaginário, que por sua vez é determinada pelo simbólico. Deste modo a realidade não passa de um equívoco, “pois ela é estruturada como a equivocidade própria ao significante” (QUINET, 1951, p.132). Lacan utiliza a fita de Moebius a fim de localizar topologicamente a realidade.



Na imagem acima é possível observar o fato de que é impossível dizer o que está dentro e o que está fora, logo o eu ideal e o ideal do eu estão no mesmo lado topológico. “É ai que Lacan situa a fantasia com seus dois elementos heterogêneos: o \$ que suporta o campo da realidade (equivalente à banda de Moebius) e o objeto a, extraído dessa realidade, objeto que cai dessa realidade” (QUINET, 1951, p. 132).

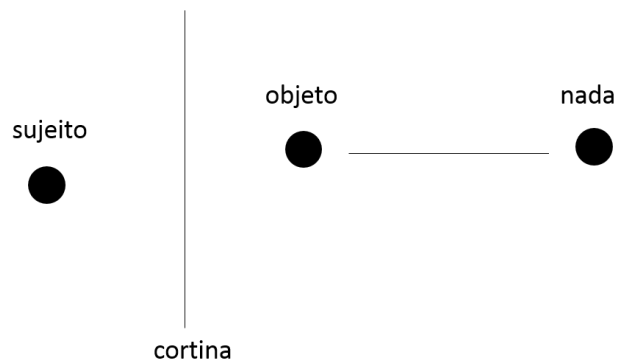
A partir deste esboço acerca destes conceitos, podemos focar agora no assunto principal: o olhar e a sua relação com a fantasia.

2.3 (H) À FANTASIA

Para lidar com essa crise, o sujeito de cada estrutura irá criar ferramentas para colocar algo no lugar da castração do Outro. Já que é “a partir da percepção visual da castração do Outro sexo que a relação com a realidade se estabelece para o sujeito” (QUINET, 1951, p.90). A ênfase que buscamos quando nos propomos a trabalhar o olhar e sua relação com a fantasia, nos obriga a dar voz aquilo que diz respeito apenas à neurose, tendo em vista que a negação da castração tem outros declínios que não são o recalque⁹ em outras estruturas. O neurótico, por sua especificidade, irá colocar a fantasia no lugar da castração do Outro.

Assim, a ‘cortina da castração do Outro’, como chama Quinet (1951), irá criar um ‘véu’ de realidade para o sujeito onde a falta do Outro será escondida. Essa cortina pode ser representada da seguinte forma

⁹ “Para Sigmund Freud, o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. Freud [...] considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.647)



A cortina fica então, representada enquanto aquilo sobre o que se projeta, se imagina a ausência. “Consideramos a cortina que vela o nada (assim como o objeto a) como o Nome-do-Pai que constitui a barreira que vela a castração do Outro” (QUINET, 1951, p.99). É sobre essa cortina que o sujeito neurótico projeta sua fantasia.

Mas o que é a fantasia? Para Nasio (2009) uma “fantasia é a encenação no psiquismo da satisfação de um desejo imperioso que não pode mais ser saciado na realidade” (p. 10). Ou seja, é uma realidade psíquica, criada pelo sujeito como função de realizar desejos que o recalque não permite que venham à tona. Logo, a fantasia tem como incumbência refrear o desejo neurótico.

Em face da impetuosidade do desejo, o eu é compelido a se defender de duas formas: seja tentando recalcar o desejo sem nunca consegui-lo de fato; seja criando uma fantasia, isto é, imaginando um alívio completo e impossível reclamado pelo desejo. (NASIO, 2009, p.11)

A fantasia aparece como uma cena inconsciente, mas uma cena sentida e não vista. É nisto que contém a beleza da pulsão escópica trabalhada pela psicanálise, pois ela se situa justamente no nível escópico da pulsão e é nela que consta uma representação criada pelo sujeito, um roteiro infantil a fim de representar o controle sexual que se tem ciência através da cena primordial. Assim,

[...] toda cena fantasiada é uma cena edipiana, uma vez que um protagonista busca possuir o outro ou ser possuído por ele. Entretanto, na ação fantasiada, o sujeito pode desempenhar todos os papéis: ora ele é o adulto molestatador, ora a criança vítima; ora é um homem poderoso, ora uma mulher frágil etc. (NASIO, 2009, p. 14)

No texto “Uma criança é espancada”, Freud trabalha os elementos que dão características à fantasia: fixação, inércia e impermeabilidade, o que se desenrola em três tempos onde uma criança é espancada. O terceiro tempo aparece como um quadro erótico para o sujeito. “A cena em questão no quadro da fantasia é a relação do sujeito com o objeto que causa seu desejo” (QUINET, 1951, p.170).

O primeiro dos tempos é uma recordação, onde o pai aparece espancando uma criança (que eu odeio). Nesta cena o pai defende o sujeito e prova seu amor, a medida em que espanca uma criança que está em posição de extrema rivalidade com o sujeito. O ‘Pai do amor’, como chama Quinet (1951), é idealizado e representado pelo ideal do eu. Não está ao lado do rival, mas sim do sujeito. Isto deixa margem para a seguinte afirmação de ordem fantasiosa: o pai não ama essa outra criança, ela ama apenas a mim. Esse tempo corresponde ao tempo do olhar de amor do Outro.

Porém, esta fantasia configura-se em uma fantasia sádica, onde é direcionada ao rival. Deste sadismo, advém a culpa, sentimento este que aparece a medida em que o pai do amor é substituído por um pai cruel. No segundo tempo, partindo da posição masoquista, o sujeito diz do lugar do outro imaginário. A frase se altera para: o pai me espanca. Segundo Quinet (1951)

O ato de espancar do pai é aqui um sinal de seu amor expresso na linguagem do gozo. O sujeito ocupa, nesse segundo tempo, o lugar de objeto causa do desejo do Outro subjetivado pelo pai. [...] O pai me espanca corresponde à fantasia fundamental. Trata-se de uma recuperação do gozo perdido do Outro, pois o sujeito atribui um gozo sádico ao pai para, dessa forma, fazê-lo existir. (p. 172)

Logo, neste tempo o que predomina é a convergência entre a culpa e o amor. Essa fantasia onde a criança é espancada pelo pai, permanece inconsciente pela intensidade que contém em si de força repressora. O terceiro e último tempo, corresponde à fantasia imaginária consciente de que ‘espanca-se uma criança’. Deste modo há “a falicização do gozo e sua evocação como um quadro erótico provocam o desejo sexual do sujeito” (QUINET, 1951, p. 172). Tanto no primeiro como no terceiro tempo é notável que o sujeito não está implicado na cena em si, tirando o fato de que cumpre papel de espectador. Ele é o olhar, objeto sustentador a nível pulsional, do quadro da fantasia. O papel de implicação do sujeito vai se dar em torno da frase proferida na fantasia fundamental: o pai me espanca.

A fantasia fundamental tem a peculiaridade de se mostrar e possui estrutura de linguagem, apresentando-se enquanto quadro. Isso se dá pelo fato de que toda vez que se fala de fantasias conscientes, fala-se também, nas entrelinhas do enunciado, da fantasia de vê-la sendo realizada.

E estruturalmente, a fantasia sustenta o desejo para o Outro e o gozo escópico que se encontra sempre aí presente no erotismo da realidade do sujeito. É um quadro estático que constitui a base da diversidade cambiante dos cenários das fantasias imaginárias. (QUINET, 1951, p.172).

Ao Outro é conferido uma potência que nada mais é do que uma miragem, a partir da fantasia. “O véu escópico da fantasia é constitutivo da miragem do desejo que sustenta a potência do Outro” (QUINET, 1951, p.173). A vergonha aparecerá a neste nível escópico, justamente para marcar sua presença, quando a fantasia vir a público, como por exemplo a vermelhidão nas faces de pacientes na clínica ao relatarem fantasias eróticas, em análise.

Segundo Quinet (1951), a fantasia passa pela determinação do simbólico¹⁰, porém aparece para o sujeito como sendo da ordem do imaginário¹¹, e ao mesmo tempo, possui um núcleo que se encontra em nível real¹² e é ligado ao desejo do Outro.

Isso significa que nada do que vemos é tal e qual a realidade objetiva nos aponta. Tudo o que passa por nossos olhos do inconsciente nada mais é do que aquilo que desejamos e fantasiemos. Criamos nossa própria realidade como forma de defesa lapidada pelo nosso desejo. Nasio (2009) aponta que se “sou o que desejo, poderíamos concluir dizendo que vemos não o que é, mas o que somos; e deduzir o seguinte corolário: quando amo uma criatura ou uma coisa, o que vejo é a projeção de mim mesmo” (p. 17)

Vamos fazer uso de dois exemplos clínicos que Quinet (1951) relata a fim de ilustrar de que modo se dá a fantasia quando o encontro dos sujeitos com o sexo encontra sua origem em uma cena da infância, onde o olhar toma conta. Esses dois sujeitos são masculinos, um de estrutura obsessiva e outra histérica.

No primeiro caso, de estrutura obsessiva, entre 4/5 anos de idade, o sujeito que dormia no quarto dos pais ouvia, na escuridão, as noites de amor dos pais.

¹⁰ Remete à linguagem.

¹¹ Relação entre imagens, tanto do semelhante quanto do próprio corpo.

¹² Não é a realidade, mas sim um efeito do simbólico.

Ficava excitado por mais que nada pudesse ver, mas lá onde justamente falou a visão, o olhar se presentifica através das palavras eróticas da mãe: torna-se um espectador cego. Ele não via nada, mas imaginava tudo, um gozo puro na cena que criava. Já na vida adulta, praticava o exibicionismo ao mesmo tempo em que sua fantasia masturbatória era surpreender uma mulher no banho e ouvir dela os mesmos elogios dados pela sua mãe ao pai. Deste modo, através dessas fantasias, experimentava de modo alternado tanto o papel da mulher quanto do homem. Para Quinet (1951)

O sujeito utiliza a fantasia exibicionista como resposta ao desejo do Outro, e permanece fascinado e enganado pela fantasia com sua cena de fixação e de gozo sob a qual ele se esconde. A relação com sua fantasia o impede de aproximar-se de uma mulher para terem uma relação sexual. Permanece em um “mostre” de sua prática exibicionista como um imperativo do Outro invertendo o voyeurismo da impossível visão do objeto de gozo no jogo da cena da infância. (p.186)

Deste modo, este obsessivo cujo caso foi utilizado como exemplo, tem em sua prática a caução ao gozo do Outro, logo mortifica seu próprio desejo. A fantasia, por situar-se no nível escópico da pulsão, é uma manifestação do desejo do sujeito como desejo do Outro, em exibição na tela do sujeito para o Outro como espectador. “O quadro fantasia é mostraçã, é o que o sujeito mostra de seu desejo para o Outro” (QUINET, 1951, p.170).

Já no segundo caso, de um sujeito cuja estrutura é histérica, a cena traumática de infância se dá o momento em que tem a visão do sexo de sua mãe, enquanto ela urinava. A visão da castração do Outro, acaba por ser vinculada à cena da morte de um porco que seria preparado para a janta da família, ou seja, acaba articulada à certa significação de morte e de esfacelamento do corpo para posterior devoração pelo Outro. Em sua vida adulta, sua fantasia é a visão de uma mulher se masturbando com um falo artificial, que na realidade é o seu próprio pênis. Essa cena é associada a uma recordação onde uma menina o obriga a masturba-la, algo que ele faz com indiferença. A fantasia bissexual – característica histérica - depois de um período em análise, não impede o sujeito de conquistar mulheres, muito pelo contrário, ele não se engana mais com sua própria fantasia. Quinet (1951) destaca que

Nesses dois casos, a fantasia em sua encenação é um escudo contra o gozo do outro presentificado pela presença do olhar. Enquanto o primeiro sujeito permanece na posição de evitar o Outro sob a fantasia, o segundo não se escuda na fantasia, podendo ir mais além para realizar o ato de Perseu. (p.187)

Este 'ato de Perseu' ao qual o autor se refere nada mais é que a alteração da posição de transferência, onde o neurótico frente ao desejo do Outro responde nada mais nada menos com amor, colocando-se como eu ideal; para a passagem ao momento onde o sujeito não responde mais com amor, mas sim utiliza-se sem engano do escudo (da imagem do outro e da fantasia) e segue em busca daquilo que se configura como sendo os objetos de seu desejo. Logo, o que se busca na análise é justamente chegar a um ponto onde o sujeito não mais se engane com suas criações fantasísticas, mas consiga utilizá-la como escudo.

Neste ponto é importante salientar que

A fantasia não se reduz ao imaginário nem à imaginação, apesar de utilizar cenas recordadas, imaginadas ou inventadas. Ela é uma imagem que tem uma determinação significante, ou seja, uma cena imaginária construída sobre uma frase que, como tal, tem a estrutura de linguagem. Por ser inconsciente, a fantasia é estruturada como uma linguagem da pulsão. (p.170)

Logo, fica evidente que a Fantasia tem extrema importância na vida psíquica do neurótico uma vez que ela, por ser uma defesa do sujeito, é relativa a realidade psíquica com que se trabalha na clínica. Toda a construção feita até aqui diz respeito também ao que move o sujeito a ser capturado por algo que vai além da imagem vislumbrada pelo órgão, fala também do modo como o sujeito ama seus objetos e como e a partir do que se relaciona com eles, revestindo-os de pura construção fantasística. O olhar ai, pessoalmente implicado passa do nível conhecido pela visão pura e simplesmente, e assume um grau de importância que vai desde a constituição do próprio eu do sujeito, e chega até o modo como o mundo é percebido e quais serão os traços que o neurótico irá se dar conta de sua existência, ao seu redor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do momento em que o olhar passa a ser vislumbrado através da psicanálise ele ganha um novo status. Ele é tomado enquanto pulsão escópica e transformado em outra coisa que não ligada apenas a seu órgão de origem. Deste modo, assume uma grande importância na vida psíquica do sujeito, uma vez que passa a ser o cerne de vários processos da constituição psíquica e participa de muitas manifestações clínicas.

O olhar vai deste o complexo de Édipo e castração, quando a diferenciação dos sexos é dada a partir dele, e sobretudo participa da construção do supereu na saída desses processos presentes na neurose, bem como do Estádio do Espelho onde assume papel fundamental ao dar ao sujeito sua dimensão corporal, a totalidade de sua existência. Neste ponto também, o sujeito vai adquirir a partir do olhar não só a imagem de si mesmo, mas como a de mundo.

A Fantasia toma conta neste momento, pois é a partir dela que o sujeito neurótico vai lidar com seu desejo. Ela marcará os objetos criando uma realidade diferente para eles. Reveste-os de construções fansísticas para que o sujeito nunca veja aquilo que o objeto realmente é, ele os vê com os olhos do imaginário, com os olhos do inconsciente.

Portanto, o sujeito ganha novos e mais potentes olhos, capazes de vislumbrar uma infinidade de possibilidades e de ver além daquilo que os objetos podem transparecer em sua realidade. Vê o mundo com mais cores, com suas

próprias cores, por mais que não haja luz ou que os objetos nem sejam tão interessantes. É o modo como amamos e nos relacionamos com os objetos que amamos: a partir da nossa própria imagem e condições de perceber o mundo.

REFERÊNCIAS

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Tradução de David Jardim Júnior. – 10ª ed. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Tradução Carlos Eduardo Reis. – Porto Alegre: Artmed, 1989.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII.

_____. **A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XI.

_____. **Sobre o início do tratamento (1913)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XII.

_____. **Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV.

_____. **Os instintos e suas vicissitudes (1915)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV.

_____. **Uma criança é espancada (1919)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVII.

_____. **Além do princípio do prazer (1920)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII.

_____. **A dissolução do complexo de Édipo (1924)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX.

KEHL, M. R. **O tempo e cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2009.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 1953-1954**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

_____. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957** / Jacques Lacan; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. **O Seminário, livro 10: a angústia, 1962-1963** / Jacques Lacan; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964** / Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

NASIO, Juan David. **O Olhar em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1995.

_____. **A Fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

QUINET, Antonio. **Um Olhar a Mais: ver e ser visto na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel – **Dicionário de Psicanálise** – Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SALES, L. (org) - **Prá que essa boca tão grande? Questões acerca da oralidade** - Salvador: Ágalma, 2005.

VALAS, Patrick. **As Dimensões do Gozo** – Do mito da pulsão à deriva do gozo. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.